

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de abertura do 24º Congresso Brasileiro de Radiodifusão

Brasília - DF, 29 de maio de 2007

Excelentíssimo José Alencar, vice-presidente da República,
Deputado Arlindo Chinaglia, presidente da Câmara,
Ministros de Estado que participam deste evento,
Meu caro Paulo Octávio, vice-governador do Distrito Federal,
Meu caro Daniel Pimentel Slaviero, presidente da Associação Brasileira de Radiodifusão,

Senadores aqui presentes,

Deputados federais e deputadas,

Senhores e senhoras participantes do 24º Congresso Brasileiro de Radiodifusão,

Senhores homenageados,

Jornalistas, radialistas, homens e mulheres de televisão,

Eu espero que neste segundo mandato, quando o Ministro das Comunicações ou outro ministro qualquer falar, o presidente não precise falar. O Hélio é um homem que saiu de Barbacena e ganhou o mundo, e eu só pude conhecê-lo através da televisão, em Nova Iorque, cobrindo coisas. O Daniel é um menino de 26 anos de idade, que deve ter geneticamente herdado tudo que o avô poderia lhe ensinar, e o Arlindo Chinaglia está afiado para falar de radiodifusão como nunca vi. Então, eu fiquei pensando o que falar.

Normalmente, o meu discurso é muito grande e as pessoas ficam preocupadas com a quantidade de folhas, mas hoje tem apenas quatro folhas aqui, depois tem um improvizozinho, já que eu nunca vi tanta gente de rádio e televisão junta. Então, vou aproveitar a oportunidade e fazer uma pequena coletiva.

Primeiro, eu quero cumprimentar você, Daniel, a diretoria e todos os companheiros que estão organizando este 24º Congresso de Radiodifusão do nosso querido País. Segundo, quero dizer para vocês que sem rádio e sem

televisão o País fica privado de parte indispensável de sua capacidade de se comunicar consigo mesmo. Todo mundo aqui sabe o desempenho e a importância da radiodifusão e o papel extraordinário e fundamental no processo de integração nacional, sobretudo, no caso de um país com as dimensões do Brasil.

Todo mundo aqui conhece a força, a hegemonia e a qualidade técnica da televisão comercial brasileira, que é a principal referência de lazer, cultura e informação para o conjunto da nossa sociedade, cuja importância é reconhecida aqui e no exterior. E não menos importante é o papel que o rádio desempenha no nosso País.

Possivelmente, meu caro Daniel, tem gente que ainda pensa que a televisão engoliu o rádio, e eu acho que o rádio é uma daquelas coisas que veio para ser eternizada. A televisão tem o seu papel extraordinário, o jornal diário tem o seu papel extraordinário, as revistas mensais têm o seu papel extraordinário, os blogs têm um papel extraordinário, mas nada impede que uma dona-de-casa faça o café escutando o seu programa de rádio predileto. Nada impede que uma mulher esteja cuidando dos afazeres do seu lar e esteja com o rádio ligado. E, normalmente, não são as rádios que a gente pensa que todo mundo ouve, é a rádio do local, a notícia local e, às vezes, a fofoca do local que interessam mais para as pessoas.

Houve um tempo, quando eu era eminentemente da periferia de São Paulo, em que eu achava que os grandes jornais de São Paulo falavam com o Brasil, e ainda hoje tem gente que pensa. E é importante que os jornais tenham um peso, hoje, muito mais importante por causa das agências, por causa das televisões. Mas a verdade é que também, em cada cidade, muitas vezes o que conta, no dia-a-dia da política, é o jornal local. Por isso, nós não somos um País apenas de partidos regionalizados, nós somos um País de comunicação muito regionalizada, apesar dos grandes meios de comunicação, sobretudo a televisão, que fala para o Brasil inteiro a toda hora e que faz o noticiário. Mas a predominância da radiodifusão, sobretudo no local, é uma coisa que eu não sei se um dia vai terminar.

Daniel, você tem 26 anos de idade e assume um cargo que, possivelmente, alguns anos atrás pensava-se que só a partir dos 50 poderia-se assumir. Veja que você levou vantagem de pelo menos 24 anos sobre qualquer

um que já assumiu a Abert. Então, você tem condições de fazer um trabalho que, eu acho, que o Brasil espera que todos os homens que assumam responsabilidades façam. E qual é esse trabalho? O primeiro é que nós precisamos, sempre, cada vez mais, enaltecer a democracia, porque a democracia não é um valor pequeno, a democracia é a razão das grandes lutas de toda a humanidade em todos os tempos. Ao mesmo tempo, convencer as pessoas e as instituições de que a nossa responsabilidade aumenta na medida em que aumenta o nosso poder. Quanto mais responsabilidades me dão numa função ou numa instituição, mais responsabilidade eu tenho no exercício daquela função. Às vezes o político se engana, às vezes o intelectual se engana, às vezes os jornalistas se enganam, às vezes os radialistas se enganam, achando que eles podem se transformar em formadores de opinião pública capazes de, em tudo que falarem, terem a mágica da verdade. E nós aprendemos o quê? Ganha a marca da verdade quando a coisa é noticiada com a seriedade que o povo compreende e exige que seja. Por que se alguém que faz um discurso, que dá uma notícia ou a transmite, exagera no noticiário, ele pode ter três meses de audiência grande, mas um dia ele vai perceber que a audiência caiu porque deixou de ser verdadeiro. E por que eu digo isso? Digo isso porque eu sou resultado de um momento de arbítrio muito duro neste País. Eu sou, como grande parte de vocês que estão aqui, resultado da geração que lutou para que a gente conquistasse a democracia. E se inventou de tudo neste País, de “Brasil, ame ou deixe-o” a outras coisas. Tudo isso foi muito temporário, porque a consciência do povo foi amadurecendo, as divergências dentro do próprio meio da radiodifusão foi acontecendo, e tudo isso confluiu para quê? Para que nós pudéssemos conquistar a democracia.

Esses dias eu ouvi as pessoas dizerem: “Mas a Polícia Federal não está exagerando”? “Vai continuar fazendo essas investigações?” E o que nós temos que dizer, como democratas? Vai continuar fazendo. E nós teremos muito mais tranquilidade quando ela fizer e mais tranquilidade ainda, quando ela não permitir que um processo iniciado, antes de ser concluído, vaze para alguém criar uma imagem negativa de uma pessoa, antes de terminar um processo. “Ah, mas o Ministério Público vai continuar assim?” Vai, porque quanto mais nós permitirmos que a sociedade brasileira tenha instituições sólidas para fiscalizá-la, melhor será para todos nós. Há um incômodo momentâneo, mas

há a certeza de que todos nós estamos subordinados ao mesmo poder de vigilância criado por nós mesmos.

Eu digo sempre o seguinte: muitas vezes, o incômodo traz soluções definitivas para o País e nós precisamos trabalhar com a idéia de que tudo que nós estamos vivendo é resultado de uma conquista nossa, das televisões, do rádio, dos jornais, das revistas, do trabalhador mais comum deste País, que é essa palavra mágica chamada “democracia”, essa palavra mágica que permite que, neste País, um metalúrgico chegue à Presidência da República.

Possivelmente, todos vocês que estão aqui, ligados direta ou indiretamente à radiodifusão, já receberam reclamações de pessoas dizendo: “olha, vocês não publicaram aquilo que eu queria que publicassem, vocês falaram mal de mim, a minha cara não estava boa na televisão hoje, a manchete não estava como eu queria”. Quem é que já não reclamou para vocês aqui? Todo mundo já reclamou e muitas vezes vocês também reclamam: “Mas não foi dada a entrevista que eu queria, não respondeu às perguntas que eu queria”. Esse troca troca de inquietações é que permite que a gente possa consolidar a democracia. Qual é a única certeza que nós temos que ter? É que a democracia não permite e não aceita donos da verdade. A democracia exercida na sua plenitude exige que cada um de nós, seres humanos, que estamos ligados à política ou que estamos ligados à radiodifusão, compreendamos o seguinte: toda vez que um de nós acha que é imprescindível ou toda vez que um de nós entende ser insubstituível, nós estamos fazendo a democracia correr perigo.

Por isso, eu quero dizer para vocês uma coisa prática. A radiodifusão, na minha vida, me deu a notícia mais alentadora quando em abril de 1980, às 6h da manhã, eu fui preso pelo Dops. Quando me colocaram numa perua, daquelas Chevrolet, que eram todas iguais no Brasil inteiro, com um monte de soldados com metralhadora dentro, soldados não, policiais federais do Dops, o cidadão estava com o rádio ligado – quase que eu cometo uma gafe aqui dizendo qual era a rádio que eu estava ouvindo – a perua estava com o rádio ligado, e depois de dois minutos, havia uma neblina muito grande lá em São Bernardo, a gente não enxergava um palmo à frente do nariz. E eu fiquei pensando: puxa vida, se eles me matarem, se me jogarem na estrada e disserem que eu fui atropelado – afinal de contas tinha muitas histórias dessas

– e se eu não chegar preso, e se a Marisa não souber aonde eu vou? Três minutos depois aparece uma notícia dizendo: acabaram de prender o presidente do sindicato e ele está sendo levado para o Dops. Eu já estava indo preso, mas o fato de eu saber que alguém sabia e tinha transmitido, ou ao Brasil ou a São Paulo inteira, foi como se eu tivesse conquistado a liberdade, embora eu tivesse ido preso, nem tinha sido preso ainda.

O respeito que eu tenho pelo papel que a radiodifusão joga neste País é muito simples, e eu acho que todo mundo deveria ter. Eu não seria o que eu sou, eu não teria sido um dirigente sindical importante se não fossem os elogios e as críticas que eu recebi. Eu não teria criado um partido importante se não fossem as críticas e os elogios que eu recebi. Não importa se mais ou menos de cada um dos dois. Eu não teria chegado à Presidência da República se não tivesse recebido críticas e elogios, e não importa avaliar se eu poderia ter chegado antes ou não. O dado concreto é que eu cheguei. E eu cheguei, por quê? Porque em algum lugar do mundo, em algum lugar deste País, seja de madrugada ou de noite, um radialista falou o meu nome ou, pelo menos, falou das minhas pretensões. Se o jornalista tivesse muita credibilidade, quando ele falasse mal, alguns acreditariam. Se ele não tivesse, quando ele falasse mal, as pessoas fariam, então: “É nesse Lula que eu vou votar, porque tal fulano não gosta”. Porque no fundo, no fundo, é isso o que acontece.

Então, eu quero agradecer a vocês, e eu digo, do Congresso Nacional: Se muitas vezes, depois de uma saraivada de más notícias, eu acho ruim, muito pior seria se não existisse democracia neste País para a imprensa dizer o que bem entende, na hora em que bem entende, e ser julgada pelo único julgador: os ouvintes, os telespectadores e os leitores.

Muito obrigado e boa sorte para vocês.